

URDIDURAS

Trechos de "O Recado do Morro"
de JOÃO GUIMARÃES ROSA

poemas

ROSEANA MURRAY

Seleção e Organização
CRISTIANO MOTA MENDES

CERÂMICAS
Evelyn Kligerman



BORDADOS
Matizes Dumont

APRESENTAÇÃO

Grande sertão: veredas é o mundo de Guimarães Rosa. Vasto, imenso, os Gerais sem-fim, o São Francisco em travessia incessante.

No mesmo ano, em 1956, ele lançou Corpo de Baile com suas 7 novelas. Outro gigante que causou um verdadeiro terremoto nas letras nacionais.

Um dos 7 filhos/filhas desse Titã se chama O Recado do Morro. A estória, criada por Rosa, bebe em fontes diversas, inclusive em uma saga nórdica, onde um Rei será assassinado por seus 7 cavaleiros.

Nessa estória, o Rei a quem se destina o Recado do Morro, é o geralista, enxadeiro, um gigante belo e forte. Pedro Orósio, o filho do Morro da Garça. Orós, em grego, é montanha.

A estória do Recado do Morro, que ninguém consegue decifrar, é contada por ó lunáticos, até chegar no violeiro Laudelim que o transforma em lenda e canção.

Estamos, pois, na presença da gênese de uma canção que, antes, em formato de enigma, viaja pelo sertão natalício de Guimarães de boca em boca. Cordisburgo, Morro da Garça, Pirapora, a estória vai se criando nesse cenário. O coro das vozes sertanejas é diverso e apaixonante. Cada recadeiro assume um tom diferente - em cor, som e palavra.

Há, entretanto, um narrador, um corifeu, que desenha a natureza.

Quando menos se espera, uma revoada de pássaros, um buritizal de todos os verdes, cavernas, lajes, lapas, sumidouros, abismos grotões, urubus, papagaios, sofrês, um festival de grandes árvores, flores e plantas que se abraçam e escalam as pedras, invadem a cena para além do fio da estória contada. Assistindo mais uma vez esse espetáculo, mandei um trecho para Marilu Dumont. Ela me disse: você me deu uma ideia, vou fazer um bordado.

Então, continuei a provocação. Mandeí o mesmo trecho para Roseana Murray. Os poemas começaram a nascer, brotar. Mas, ainda não satisfeito, apelei para a argila de Evelyn Kligerman, porque carecia de todas as cores da terra para dizer um pouco do meu amor por esse Recado do Morro e mandar para João Guimarães Rosa o nosso amoroso recado.



Cristiano Mota Mendes

Roseana Murray



Cristiano Mota Mendes, ator, músico, leitor apaixonado da obra de Rosa, me trouxe uma proposta. E se eu colocasse poemas a partir de fragmentos de O Recado do Morro?
Achei uma ousadia monumental, mas fiz os poemas como quem quase precisa mastigar a terra para que vire música.
A linguagem de Rosa é única e nos envolve e banha em seu milagre.

Evelyn Kligerman



Sou Evelyn Kligerman e o barro é minha voz, meu dizer no mundo.
Ilustrar esses textos tão terrosos, com os oníricos poemas de
Roseana Murray, me fez escavar a terra, usar seus pigmentos,
fazer as placas de barro virarem caverna, luz, sol, rios, terra
seca...

Feliz de estar nessa parceria com Roseana Murray, Cristiano Mota
Mendes, Matizes Dumont, Jiddu, e claro, João Guimarães Rosa,
esse Mestre do Sertão..

Marilu Dumont – Grupo Matizes Dumont



Marilu Dumont – Grupo Matizes Dumont

Sou Marilu Dumont, e integro o Grupo Matizes Dumont, praticantes do bordado para fluir em liberdade.

Coube a mim mergulhar na nossa obra para encontrar as urdiduras, tramas e fios que pudessem trazer os encantos dos elementos da natureza para ilustrar o livro URDIDURAS. Foi um des(a)fio ao qual estou familiarizada. Ainda criança junto com meus irmãos fui instigada a entender as tramas e os bordados que a natureza oferece com suas transparências, suas formas e cores.

Cores parecidas com aquelas que nem existem – ou as que não cabem em si?

Escolhi todas elas nos recortes desse bordado onde o Matizes Dumont reencontra a cor do barro das veredas, do chão batido do quintal e das nervuras dos barrancos do rio.

Nas leituras da palavra de Rosa e de Roseana há os sons, luzes e cores que encontrei nos entrebordados que representam chão de terra molhada, sementes aos ventos, tons afogueados do sol da região do meu São Francisco.

Assim é que eles estão alegremente nesse diálogo amoroso com João Guimarães Rosa, Roseana Murray, Evelyn Kligerman, Cristiano Mota Mendes e Jiddu.

Marilu Dumont,
Brasília, inverno 2021

CORES



Evelyn Kigerman

"Medido, Pedro Orósio, guardara razão de orgulho, de ver o alto valor com que seo Alquiste contemplara seu país natalício: o chapadão de chão vermelho, desregal, o frondoso cerrado escuro feito um mar de árvores, e os brilhos risonhos na grava da areia, o céu de um sertão de tão diferente azul, que não se acreditava, o ar que suspendia toda claridade, e os brejos compridos desenrolados em dobras de terreno montanho – veredas de atoleiro terrível, com de lado e lado o enfile dos buritis, que nem plantados drede por maior mão: por entre o voar de araras e papagaios, e no meio do gemer das rolas e do assovio limpo e carinhoso dos sofrês, cada palmeira semelhando um bem-querer, coroada verde que mais verde em todo o verde, abrindo as palmas numa ligeireza, como sóis verdes ou estrelas, de repente."

As cores são as palavras
da montanha:
entre ocre e vermelho,
a textura da terra,
seus mais íntimos
segredos.
Entre verdes, o silêncio
aveludado das árvores.
Serpenteantes,
a prata dos rios escondidos,
o luar da água.
O amarelo
que o sol derrama
nos intervalos das folhas.
e o arco-íris dos pássaros
jardineiros,
num leva-e-trás
de sementes,
com o azul cintilante
do céu nos olhos.

Juliane Cavado



Matizes Dumont

A ESTRADINHA



Evelyn Kigerman

Juliane Cavado

"Sem bem que se saiba, conseguiu-se rastrear pelo avesso um caso de vida e de morte, extraordinariamente comum, que se armou com o enxadeiro Pedro Orósio (também acudindo por Pedrão Chãbergo ou Pê-Boi, de alcunha).

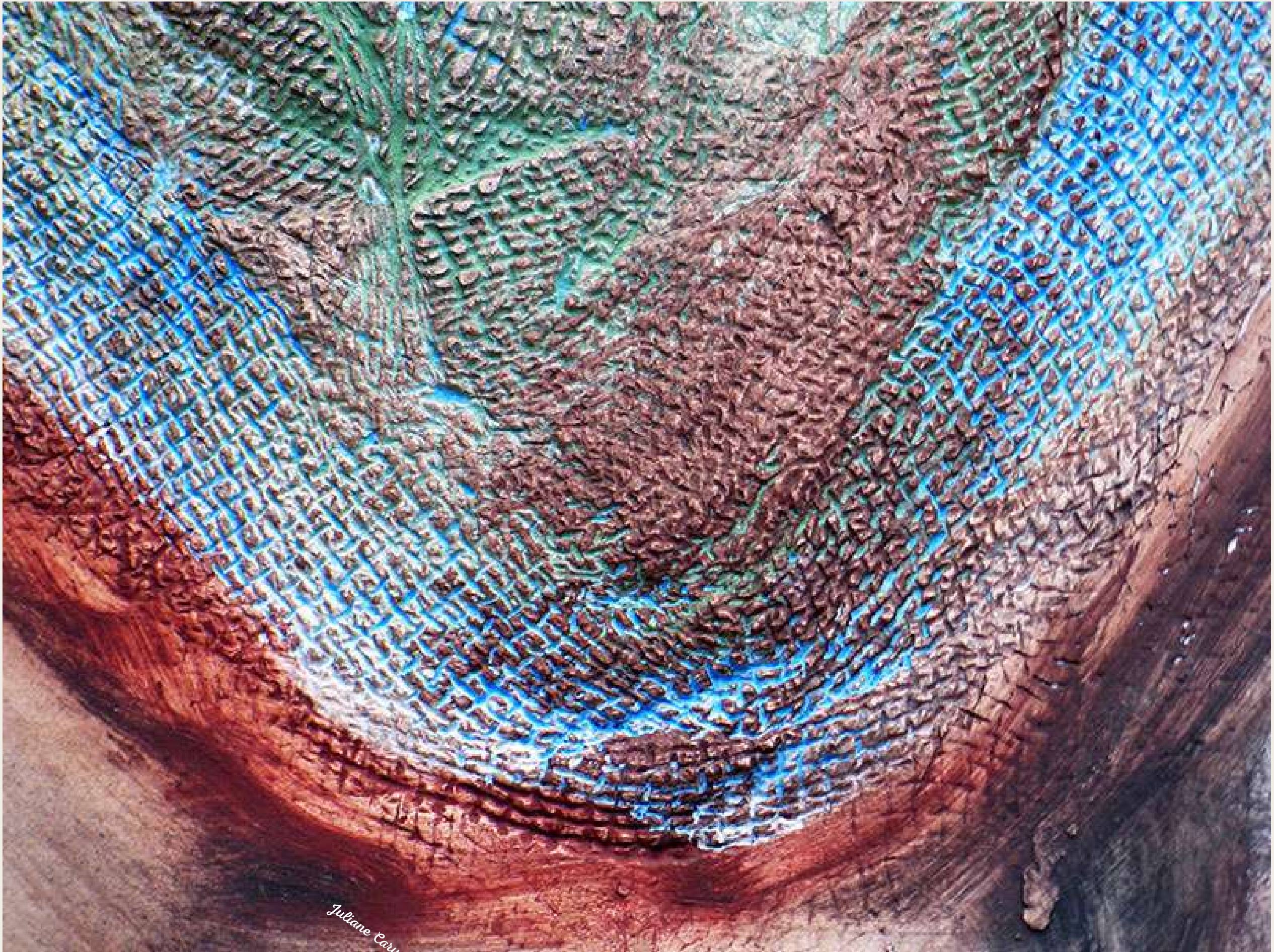
Desde ali, o ocre da estrada, como de costume é um S que começa grande frase."

A estradinha de barro
começa com um S
de serpente, cobra verde,
e vai assim
num vai e vem,
entre arabescos
e voltas,
parece que às vezes
dá um salto
e numa última curva,
a oferenda
de uma vaquinha perdida.



Matizes Dumont

TODA CHUVA



Evelyn Kigerman

"De feito, diversa é a região com belezas, maravilha.
(....)

Por lá, qualquer voz volta em belo eco, e qualquer chuva
suspende, no ar de cristal, todo tinto arco-íris, cor por
cor, vivente logo ao solsim, feito um pavão."

Toda chuva contém
muitas águas,
as lágrimas do céu
e dos humanos
misturadas.
Toda chuva fabrica
os perfumes da terra
e transmuta o ar
em cristal.
Toda chuva traz
promessa de sol,
um arco-íris lavando
suas cores.



Matizes Dumont

CAVERNAS

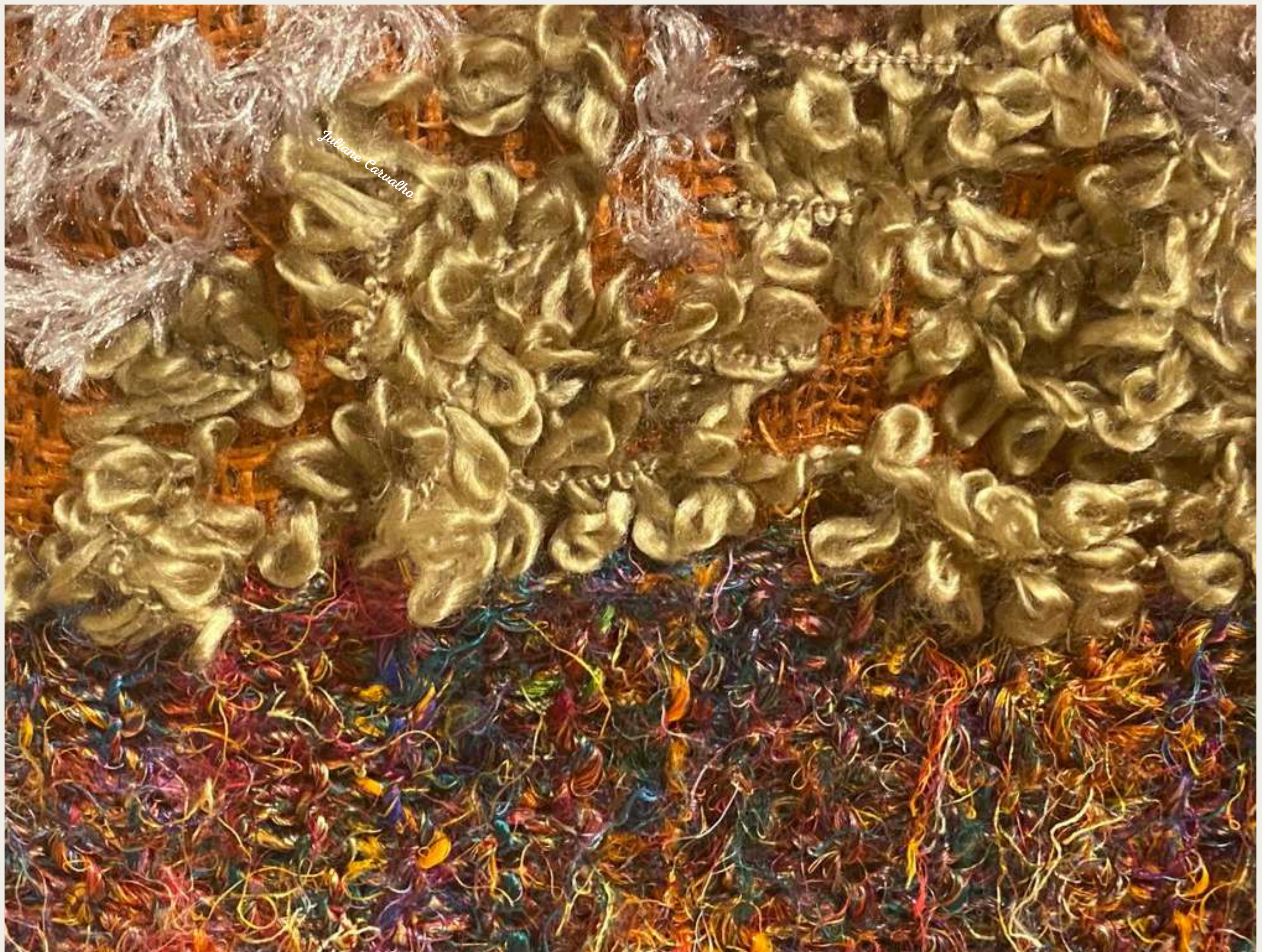


Evelyn Kigerman

Juliane Cavado

"Pelas abas das serras, quantidades de cavernas – do teto de umas poreja, solta do tempo, a aguinha estilando salobra, minando sem-fim num gotejo, que vira pedra no ar, se endurece e dependura, por toda a vida (...)
Criptas onde o ar tem corpo de idade e a água forma pele muito fria, e a escuridão se pega como uma coisa."

A vida escura e viscosa
das cavernas,
labirinto para o interior
da terra,
onde o tempo fica
guardado
e grudado nas paredes
frias,
nos leva
de volta ao começo,
ao medo ancestral,
o que arranha.



Matizes Dumont

QUASE PÉROLAS



Evelyn Kigerman

"Lapas, com salitrados desvãos, onde assiste, rodeada de silêncios e acendendo globos olhos no escuro, a coruja-branca-de-orelhas, grande mocho, a estrige cor de pérolas – strix perlata." (...)

"Fim do campo, nas sarjetas entremontãs das bacias, um ribeirão de repente vem, desenrodilhado, ou o fiúme de um riachinho, e dá com o emparedamento, então cava um buraco e por ele se soverte, desaparecendo num emboque, que alguns ainda tem pelo nome gentio, de anhanhonha canhuva. Vara, suterrão, travessando para o outro sopé do Morro, ora adiante, onde rebrota desengolido, a água já filtrada, num bilo-bilo fácil, logo se alisando branca e em leves laivos se azulando, que qual polpa cortada de caju."

Fios de águas miúdas,
quase pérolas,
buscam uma saída,
não podem parar,
quando o morro
é parede intransponível.
Cavam com paciência
o escuro.
Corujas enpoleiradas
faíscam seus olhos
e aprovam a rota
subterrânea.

No outro lado o riozinho
renasce cantando.



Matizes Dumont

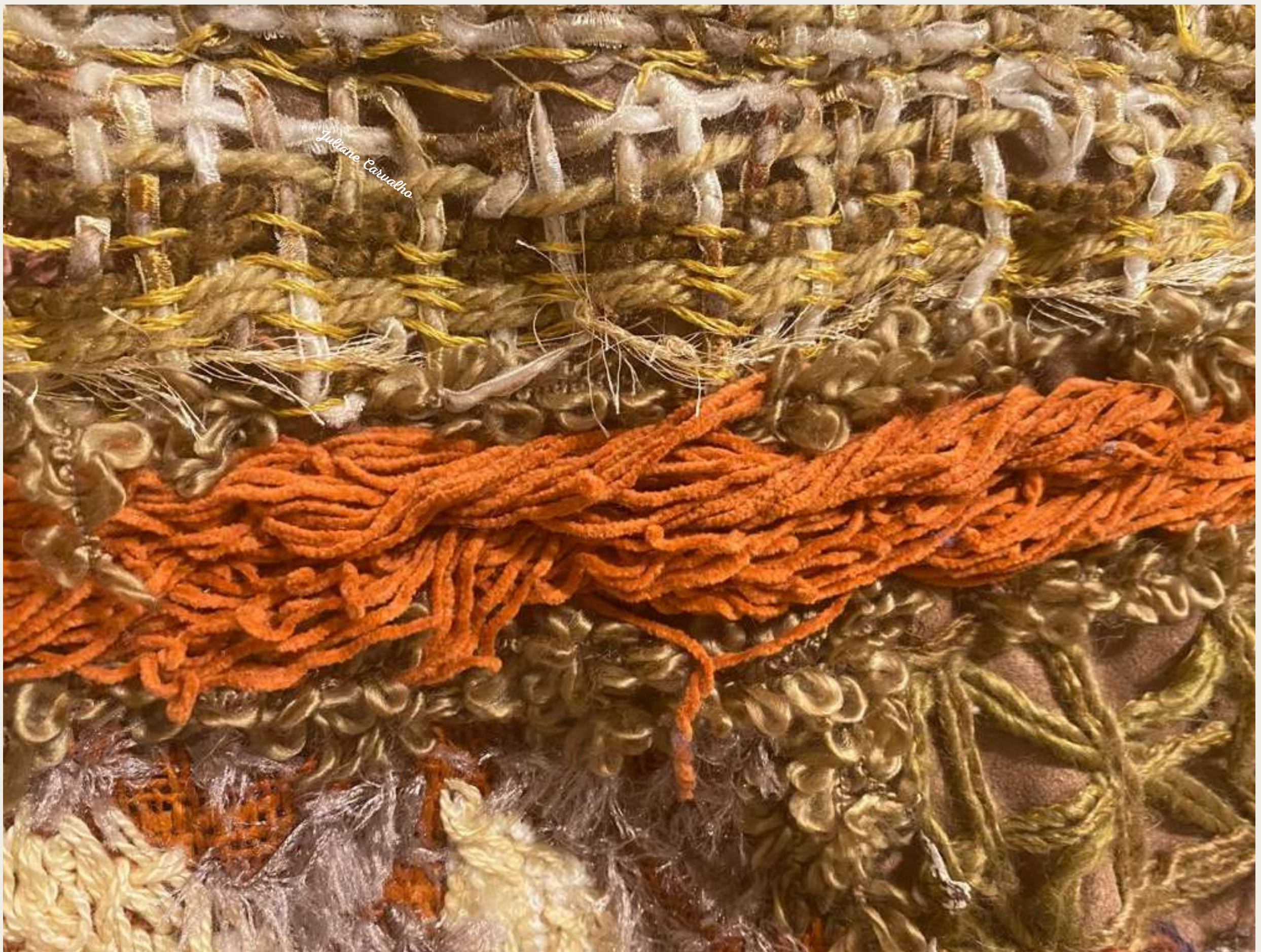
DOR MINERAL



Evelyn Kigerman

"Agora, pelas penedias, escalam cardos, cactos, parasitas agarrantes, gravatás se abrindo de flores em azul-e-vermelho, azagaias de piteiras, o pau d'óleo com raízes de esculturas, gameleiras manejando como alavancas suas sapopemas, rachando e estalando o que acha; a bromélia cabelos-do-rei, epífita; a chita - uma orquídea; a catléia, sofredora, rosíssima e roxa, que ali vive no rosto das pedras, perfurando-as. Papagaios roucos gritam: voam em amarelos, verdes."

Agarradas ao silêncio
da pedra, coloridas
plantas invadem,
perfuram lentamente
seus segredos,
que escorrem pelas
rachaduras, fendas,
falam da dor mineral,
o que nenhum humano
pode entender.
Talvez os pássaros
em revoadas.



Matizes Dumont

CONTO DE FADAS



Evelyn Kigerman

Juliane Cavado

"Pedro Orósio sabia – para isso qualquer um tinha alcance – que Cordisburgo era o lugar mais formoso, devido ao ar e ao céu, e pelo arranjo que Deus caprichara em seus morros e suas vargens; por isso, lá, de primeiro, se chamara Vista-Alegre. E, mais do que tudo, a Gruta do Maquiné – tão inesperada de grande, com seus sete salões encobertos, diversos, seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilhando risos na luz – ali dentro a gente se esquecia numa admiração esquisita, mais forte que o juízo de cada um, com mais glória resplandecente do que uma festa, do que uma igreja.
(....)

Ah, e as estrelas de Cordisburgo, também – o seo Alquiste falou – eram as que mais brilhavam, talvez no mundo todo, com mais agarre de alegria."

Como se num conto
de fadas, como
se num era uma vez,
sete salões se abrem
dentro da gruta,
engalanados de luz.
Será que
para um casamento,
alguma princesa de pedra
ou de água
espera seu par?
Do lado de fora
estrelas gostariam
de entrar.



Matizes Dumont

URUBUS



Evelyn Kigerman

"Assaz quase milhares. Que passam tempo em enormes vôos por cima do mundo, como por cima de um deserto, porque só estão vendo o seu de-comer. Por isso, depois, precisam de um lugar sinaladamente, pequeno que seja. Para eles, ali era o mais retirado que tinham, fim-de-mundo, cafundó, ninguém vinha bulir em seus ovos. (...)
Tinha hora, subiam no ar, um chamava os outros, batiam asa, escureciam o recanto. Algum ficava quieto, descansando suas penas, o que costuravam em si, com agulha e linha preta, parecia. Careca – mesmo a cabeça e o pescoço são pardos. Mas, bem antes, todos estavam ali de patuléia, ocasiões de acasalar.
Os urubus, sem chapéu, e dançam o seu baile. Quando é de namoro, um figurado de dança, de pernas moles, despés, desesticados como de um chão queimante, num rebambejo assoprado, de quem estaria por se afogar no meio do ar. Ou, então, pousados, muito existentes, todos rodeados. Pretos, daquele preto de dar cinzas, um preto que se esburaca e que rouba alguma coisa de vida dos olhos da gente. (...)

Chegavam no sol-se-pôr."

Urubu quando no céu
é pura majestade,
conhece como ninguém
os segredos do vento.
Urubu no chão,
é outro, são muitos,
em roda de funeral,
ou para dançar,
antes do casamento.
Todos vestidos de preto,
estranha assembleia,
de longe olhamos,
não fomos convidados.



Matizes Dumont

TUDO CABE NO OLHAR

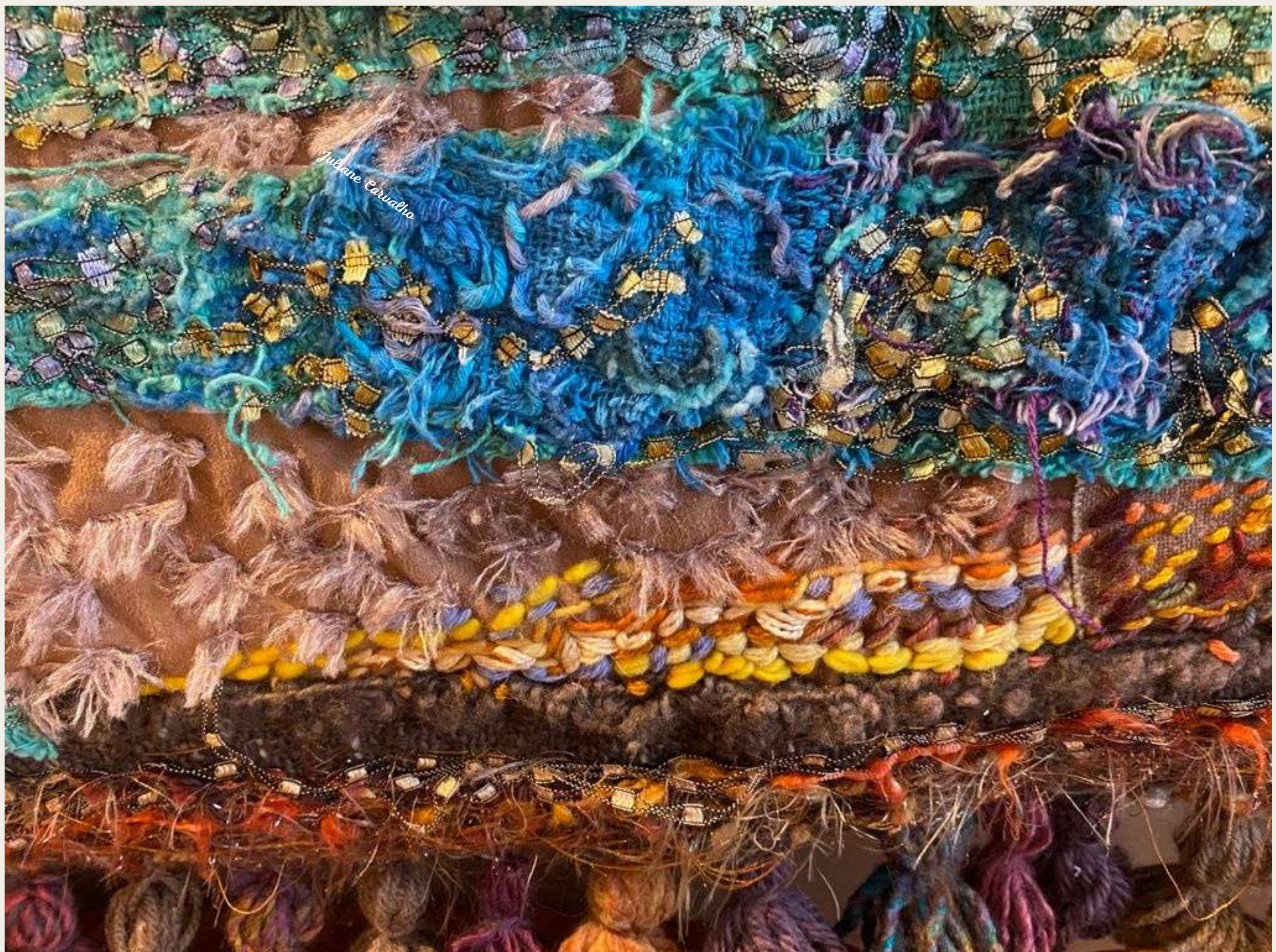


Evelyn Kigerman

"Seguiam por terras convalares, na bacia do Riacho Magro, sob o pálido céu de agosto, fumaças subindo para ele, de tantos pontos. Aí, quando chegavam no topo de alguma ladeira e espiavam para trás, lá viam o Morro da Garça – só – seu agudo vislumbre. Assim bordejavam alongados capões, e o mais era o campo estragado, revestido de placas de poeiras. Vã, à distância, aquela sucessão de linhas como o quadro se oferece e as serras se escrevem e em azul se resolvem. À direita, porém, mais próximas, as encostas das vertentes descobertas, a grossa corda de morros – sempre com as estradinhas, as trilhas escalavradas, os caponetes nas dobras, sempre o sempre."

Ver perto e longe,
os olhos sabem,
mastigam primeiro
o barro debaixo dos pés,
e subindo para o céu
bebem a névoa
e os morros distantes,
acorrentados, um no
outro,
em seu infinito
enovelamento de azuis.

Tudo cabe no olhar.
Sempre e sempre.



Matizes Dumont

CARRO DE BOIS



Evelyn Kigerman

"O jenipapeiro grande, na curva do Abelheiro, calvo de toda folha. Menos afastado, trafegou um carro-de-bois, cantando muito bonito, grosso – devia de estar com a roda muito apertada, e o eixo seria de madeira de itapicuru. Passou um casal de pica-paus, de pervôo, de belas cores. A gente agora ouvia o pipio seriado da codorna. Uma rês veio até cá – um boi pesado de ossos secos. (...)

Mas seo Alquiste só dava atenção a algum pássaro. O pitangui, escarlata, sangue-de-boi. Mesmo voava um urubucaçador, de asas preto e prata. O mais eram joãos-de-barro. A viuvinha-do-brejo tentava cantar melhor: o macho se dirigindo à fêmea, no apelo de reunir. Depois, vendo o espiralar de gaviões, soltou o grito-pio de alarme."

Música única no mundo,
a do carro-de-bois,
instrumento de carregar
feixes, amarrados
de mercadorias, sacos
de mantimentos.
As notas se fazem
rangendo,
tangendo a estrada,
se fazem com a tristeza
encravada nos olhos
dos bois.
No céu os pássaros
riscam seus caminhos
no ar, com asas, gritos
e cantos.
A longa sinfonia.



MORRO DA GARÇA



Evelyn Kigerman

" E, indo eles duramente pelo caminho, duradamente se avistava o Morro da Garça, sobressainente. O qual comentaram. Pedro Orósio bem sabia dele, de ouvir o que diziam os boiadeiros. Esses, que tocavam com boiada do Sertão, vinham do rumo de Pirapora, contavam – que, por dias e dias, caceteava enxergar sempre aquele Morro: que sempre dava ar de estar num mesmo lugar, sem se aluir, parecia que a viagem não progredia de render, a presença igual do Morro era o que mais cansava. (...)"

O Morro da Garça,
sempre ali, sua presença
sendo toda a paisagem,
como se diante
da sua imobilidade
o tempo não pudesse
escorrer.
E dentro de cada
boiadeiro,
o sangue virava água
estagnada.



SAUDADE



Evelyn Kigerman

"Ah, quem sabe, trovejasse, se chovesse, como lembrando longes tempos Pedro Orósio talvez tivesse repensado mesmo sua idéia de parar para sempre por lá, e ficava. Mas, ele assim, ali, a saudade não tinha presa, que ela é outro nome da água da distância – se voava embora que nem pássaro alvo acenando asas por cima de uma lagoa secável. E o que ele mais via era a pobreza de muitos, tantos trabalhos e dificuldades. Até lhe deu certa vontade de não ver, de sair dali sem tardança."

Saudade é matéria estranha:
água-miragem-espelho,
reflete com dor a ausência.

Brilho de faca no vazio.



Matizes Dumont

Matizes Dumont

OS SONS DO RÁDIO



Evelyn Kigerman

"Ali no Jove tinha luz-elétrica, o povo escutava rádio, se ia dormir mais tardado. E se comia uma ceia boa: sopa-de-batatinha com bastante sal, com folha verde de cebola picada, a broa de milho, leite frio no prato fundo, com queijo em pedacinhos e farinha-de-munho. Cá fora, as estrelas belezavam, e a lua vinha subindo cedo, já bem: dali a uns três dias, era o dado da lua-cheia, conforme se sabe."

O cheiro escapava
da cozinha da fazenda
e chamava os viajantes
que vinham de longe,
enfeitando,
como se os perfumes
de cada iguaria
fossem flautas mágicas.

E os sons do rádio
se misturavam
com o luar,
trazendo notícias
de um mundo longe.



Matizes Dumont

PELAS ESTRADAS DA MEMÓRIA



Evelyn Kigerman

"Agora, tinha estado lá, até nas veredas do Apolinário, onde papagaio bravo revoando passa a qualquer hora do dia. Ao que fora, imaginando de ficar, e não tinha ficado. Mesmo no momento se queria por a rumo o pensamento, de lembrança de lá, não conseguia, sem sensatez, sem paz. Faltava a saudade, de sopé. Toda aquela viajada, uma coisa depois de outra, entupia, entrincheirava; só no fim, quando se chega em casa, de volta, é que um pode livrar a idéia do emendado de passagens acontecidas."

Dentro da gente,
durante uma viagem,
paisagens se atropelam,
umas sobre as outras,
quase não há espaço
e nem se pode respirar.
De volta, podemos separar
as lembranças, como dentro
de um relógio
arrumamos cada hora
em seu exato lugar.
E agora andamos devagar
pelas estradas da memória.



Matizes Dumont

FESTA NO CORAÇÃO



Evelyn Kigerman

"Mais tinha esquentado aquele sábado, sempre mais povo chegando, a reio. Também muitos já revestidos, para figurar na festança do dia-seguinte. O dos ranchos: os moçambiqueiros, de penacho e com balainhos e guizos prendidos nas pernas; grupos congo em cetim branco, e faixa, só faltando os mais adornos; e a rapaziada nova, com uniforme da guarda-marinheira. Imponente foi quando comungaram o preto Zabelino, todo sério, e a preta Maria-da-Fé, com um grande ramo de flores nos braços, quens iam ser rei-congo e rainha-conga. Música ia tocar era no outro dia, no outro dia era que era o registrado da festa. Uns gritavam desde agora seu grande contentamento: Viva a Senhora do Rosário! Viva a grande santa Santa Ifigênia! Viva o nosso santo São Benedito!"

Quando a festa se instala
no coração,
sinos e guizos e flores
se acendem,
um sol em cada um.
A espera já é colorida,
a alegria faz redemoinhos,
um vento bom já é música
acaricia feito cetim.



Matizes Dumont

CLARA ALEGRIA



Evelyn Kigerman

"O Laudelim era alegre e avulso. Por perto da matriz, estavam num campo aberto. E ele olhou um cavalo que pastava, e se lembrou de seu violão. Com Laudelim se podia fácil conversar, ele entendia o mexe-mexe e o simples dos assuntos, sem precisão de muito se explicar; e em tudo ele completava uma simpatia. O violão estava mesmo ali à mão, no botequim. Daí que Laudelim também usava cisminha de tristeza, que era uma tristeza leviana, diversa das de todos, uma tristeza sem razão certa, que nem doença pegada ou chão para a sombra de sua alegria."

Como é que se busca
a clara alegria?
Há que escutar o fio
de música que nasce
no coração,
a relva que o vento
acaricia como se tocasse
um instrumento,
Há que escutar
os pensamentos
do cavalo solitário
sobre o verde,
e dobrar e guardar
as sombras.



Matizes Dumont

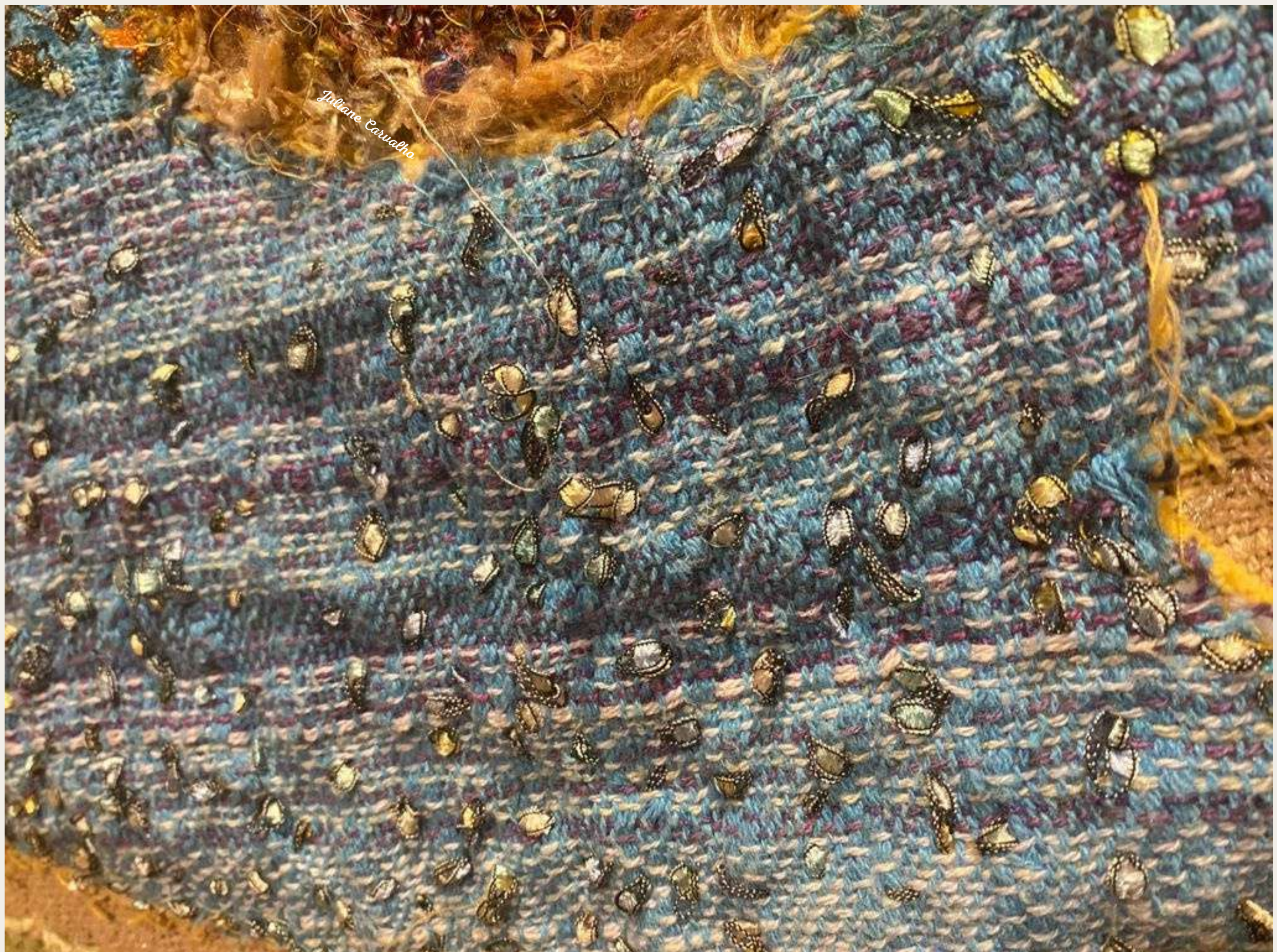
SALTO



Evelyn Kigerman

"Era uma planície morta, que ia vazia até longe, na barra escura do Capão-do-Gemido. Cá, no recôncavo da bocaina, a serra limitava um quadrante, o paredão arcado, uma ravina com sombrias bocas de grutas. Trepava-se caminho acima, contornado, de desvio, segurando no cipó-negro e no cipó-escada, aproveitando uma grotta seca, muito funda e apertada, cheia de calhaus. Quiseram ir acolá, para ver, um certo terraplém, um salto d'água, barbadinho, surgindo da pedra fontã e logo desaparecido em ocos, gologolão."

Qualquer salto vale
para ver um salto d'água,
água feito renda,
lua derretida, dançarina,
que surge da pedra
e desaparece,
miragem.



Matizes Dumont

QUEIMADAS



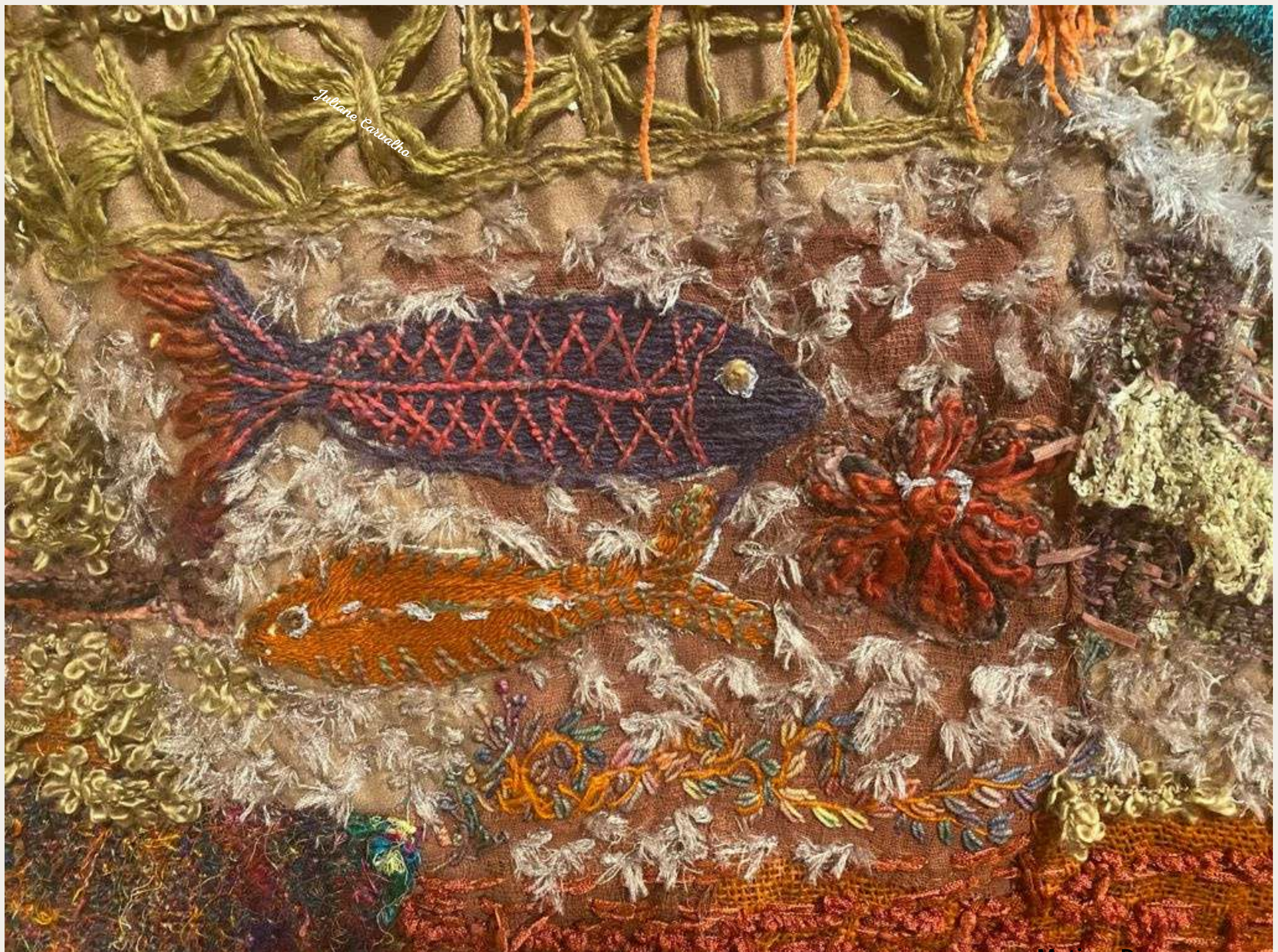
Evelyn Kigerman

Juliane Cavado

"Mas, quando vinham vindo, terminando a torna-viagem, já o céu de todas as partes se enfumaçava cinzento, por conta das muitas queimadas que nas encostas lavravam. O sol à tarde era uma bola carmesim, em liso, não obumbrante.

Variavam algum trajeto, a mor evitavam agora os espinhaços dos morros, por causa do frio dos ventos – castigo de ventanias que nessa curva do ano rodam da Serra Geral."

Como se do céu o sol
se espraiasse
em labaredas pela terra,
e a fumaça das queimadas
parecendo neblina,
turbando
o caminho de casa.
O vento parece bicho
atiçador de fogo,
é frio, lambe o corpo
e se esconde numa curva
do tempo,
açoita o viajante.



Matizes Dumont

TANTA LUZ



Evelyn Kigerman

"As quais, sol a sol e val a val, mapeadas por modos e caminhos tortos, nas principais tinham sido, rol: a do Jove, entre o Ribeirão Máquiné e o Rio das Pedras – fazenda com espaço de casarão e sobrefartura; a dona Vininha, aprazível, ao pé da Serra do Boiadeiro – aí Pedro Orósio principiou namoro com uma rapariga de muito quilate, por seus escolhidos olhos e sua fina alvura; o Nhô Hermes, à beira do Córrego da Capivara, onde acharam notícias do mundo, por meio de jornais antigos(...); a Nhá Selenia, na ponta da Serra de Santa Rita – onde teve uma festinha e Frei Sinfrão disse duas missas, confessou mais de umas dúzias de pessoas; o Marciano, na fralda da Serra do Repartimento, seu contraforte de mais cabo, mediando da cabeceira do Córrego da Onça para a do Córrego do Medo – lá o Pedro quase teve de aceitar malajuizada briga com um campeiro morro-vermelhano; e, assaz, passado o São Francisco, o Apolinário, na vertente do Formoso – ali já eram os campos-gerais, dentro do sol."

Tanta luz cada dia
dentro da luz do sol,
na travessia dos rios,
das horas,
de amor em amor,
se anda por aí,
tortuosos caminhos
de quase morte e vida,
as trilhas
dos campos gerais,
as trilhas às vezes
escarpadas da alegria.



Matizes Dumont

Ficha Técnica

U R D I D U R A

Trechos de "O Recado do Morro" de
JOÃO GUIMARÃES ROSA

APRESENTAÇÃO E CURADORIA

Cristiano Mota Mendes

POEMAS

Roseana Murray

CERÂMICAS

Evelyn Kligerman

BORDADOS

Matizes Dumont

FOTOART

Luis Mérigo
Marilu Dumont

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha



ISBN nº 978-65-992425-8-8

Residência no ar edições digitais

Rio de Janeiro – RJ – 2021